

Forjaz Christiano Souza, autor de *O debate arquitetônico brasileiro: 1925-1936* (USP, 2004). “A sintonia de Warchavchki com as tendências da arquitetura internacional despertou o interesse dos modernistas por ele, que deu o complemento arquitetônico de que eles careciam e antecipou, em metonímia, o novo movimento construtivo dessas vanguardas”, nota Lira. “Suas primeiras casas encenavam a passagem da ruptura à diluição do espírito de vanguarda, a imbricação entre ousadia formal e pesquisa local, a libertação do oficialismo acadêmico e uma série de recalques históricos, dramatizando o processo ocorrido havia pouco nas artes plásticas e literatura.”

“Mesmo com o ambiente da época de valorização da produção nacional (como o movimento neocolonial na arquitetura), associar a produção moderna que se pretendia universal a uma manifestação nacional, buscando adaptá-la às condições locais, é prova do pioneirismo de Warchavchki”, analisa Monica Junqueira de Camargo, coordenadora do Núcleo de Referência da Cultura Arquitetônica Paulista (USP). O arquiteto, porém, arriscou-se ao introduzir seus modelos de sociedade industrial num Brasil cuja renovação arquitetônica era uma incógnita. Um símbolo disso foi a casa que construiu para morar, na rua Santa Cruz, vista como a primeira obra da nossa arquitetura moderna, embora fosse levantada em alvenaria de tijolos, disfarçados para parecer concreto, tivesse piso de tábuas corridas de madeira, um telhado convencional com telhas de barro e mesmo um alpendre “saudosista”, como diz Lemos. “Muitos frisam as discrepâncias entre a casa, de caráter ‘impuro’ e com concessões ao passado, e o discurso do arquiteto”, nota Lira. “Mas é a obra mais emblemática da virada arquitetônica brasileira. Urbana e suburbana, moderna e clássica, inovadora e convencional, a casa representa matrizes compositivas e, ao mesmo tempo, a negação de todos os estilos. Essas discrepâncias visuais, concessões e desvios, em vez de atestarem uma defasagem, aludem às possibilidades concretas do moderno em solo brasileiro.”

#### COMPROMISSOS

Para o autor, as tensões da casa revelam os paradoxos do processo de modernização da cultura e da arquitetura brasileiras pelos compromissos intencionais, os equilíbrios de circunstância e os episódios não resolvidos. Warchavchki desafiou as críticas, alegando que a cidade carecia de mão de obra e materiais apropriados e continuou a divulgar suas ideias em prol da nova arquitetura, que incluíram uma *Exposição de uma casa modernista* (1930). O esforço rendeu frutos e seus projetos não se limitavam mais a grupos seletos, encantando também parte da velha burguesia paulistana. Foram tempos de aceitação pelos



A célebre casa pioneira do arquiteto russo na rua Santa Cruz, em São Paulo

## Warchavchik, arquiteto da metrópole

Heloisa Pontes

O acerto dos ponteiros da arquitetura brasileira com o relógio da vanguarda internacional não se deu da noite para o dia. Tampouco foi resultado da obra e da vontade de um arquiteto “nacional”. Mas foi em São Paulo que o imigrante russo judeu Gregori Warchavchik (1896-1972), nascido na cosmopolita cidade de Odessa, reviu a formação acadêmica recebida em Roma e lançou as bases da arquitetura moderna no país. Visíveis, ainda que fraturadas em razão da aclimação local, elas ganharam um marco simbólico ampliado com a *Exposição de uma casa modernista*, inaugurada em março de 1930. Construída com a intenção de ser alugada, a casa foi apresentada ao público como uma homenagem de Warchavchik à Pauliceia, cujo ambiente artístico e social, em suas palavras, lhe “permitira realizar, em tão pouco tempo, várias construções dentro da nova orientação”. Decorada com esculturas e telas dos expoentes do modernismo, local e internacional, ela atraiu mais de 20 mil visitantes. Com a exposição, encerrava-se, segundo Oswald de Andrade, o “ciclo de combate à velharia, iniciado por um grupo audacioso, no Teatro Municipal, em fevereiro de 1922”.

Se você, leitor, chegou até aqui deve estar se perguntando qual é a novidade, não de Warchavchik, mas da resenha em



Retrato de Gregori Warchavchki (sem data)

modernistas e de ascensão social entre as famílias de imigrantes enriquecidos. Nesses anos dourados conheceu Le Corbusier e foi convidado por Lúcio Costa (com quem construiu várias casas) para lecionar na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio. A chegada do Estado Novo, em 1937, trouxe, porém, a ascensão dos arquitetos cariocas, privilegiados pelas encomendas estatais, o desaparecimento da clientela paulistana e a exacerbação do nacionalismo, do bairrismo, da xenofobia e do antissemitismo, antítese de seu pensamento. Warchavchki afastou-se da cena arquitetônica até o quase ostracismo. Nos anos 1950, suas obras, até então na vanguarda, eram acusadas de mera exportação de ideias. A saída foi entrar no mercado. “Até chegou a copiar para um cliente amigo a arquitetura da casa-grande da heroína de ... *E o vento levou*”, conta Carlos Lemos. “Ele se isola e é efetivamente isolado. Passa a projetar edifícios na área central e casas aos montes em Santos e no Guarujá, ao gosto da nova clientela endinheirada. “Ele articulou sua volta à arquitetura fora do universo das vanguardas, apelando diretamente ao novo capital de incorporação e às elites de gostos colonizados pelo

simbolismo associado ao moderno. Entrou na nova economia da urbanização como empresário da construção civil”, diz Lira. “Mas, gostemos ou não dos resultados, foram empresas como a dele que efetivamente produziram a nossa cidade.”

“Como precursor ele colheu menos do que semeou. O ciclo paulista conduziu o processo de introdução da arquitetura contemporânea, emprestou ensinamentos ao grupo do Rio, mas as ideias de Warchavchki perderam vigor, incapazes de alimentar novos arquitetos e assegurar uma tradição ao movimento moderno”, acredita Ricardo Forjaz. Mas a fera não fora domada. “Em 1958, ele alertava que era preciso superar a contradição entre obras individuais e a realidade do crescimento desordenado das cidades brasileiras, colocando o urbanismo como palavra de ordem”, afirma Carlos Ferreira Martins, da FAU-USP. “Ele fez uma crítica das conquistas arquitetônicas, de não participarem na transformação dos centros urbanos. Dizia que elas atenderam a uma classe social e não se esforçaram em resolver o problema da habitação do homem comum. Hoje a situação já identificada por ele só se agravou”, nota Monica. ■

Carlos Haag

curso. E com razão. Pois a abertura deste texto ecoa a de outras matérias que foram publicadas na grande imprensa a partir do lançamento em abril deste ano do livro de José Lira. Assim, se você é um leitor interessado no debate cultural, com certeza já está a par do assunto. Mas talvez esteja menos familiarizado com o andamento analítico de *Fraturas da vanguarda*.

A visibilidade e o prestígio angariados por Warchavchik devem muito à inventividade de sua produção. Mas seriam impensáveis sem a inserção no poderoso clã da família Klabin a partir do casamento, em 1925, com Mina, dois anos depois de sua chegada ao país. Viajada e bem educada, Mina foi bem mais que uma dona de casa requintada. Sobressaiu como paisagista, projetando os jardins que compunham as casas desenhadas pelo marido e, por ser a primogênita de uma família de mulheres, ao perder o pai, encontrou em Warchavchik a âncora necessária para assegurar a posse e a ampliação do patrimônio ameaçado na disputa sucessória pelas frações masculinas

da parentela. Não só ela como a mãe e as irmãs, uma delas, Jenny, casada com Lasar Segall. Na divisão do trabalho familiar coube ao arquiteto a condução dos negócios ligados ao expressivo patrimônio fundiário. E se isso assegurou a Warchavchik um notável capital social – sinalizado pela rápida incorporação nos círculos ilustrados da cidade e pela clientela que procurava seus serviços –, rendeu-lhe também a posição incômoda do artista de vanguarda relegado, ofuscado pelos “cariocas”, Lúcio Costa e Niemeyer, principais responsáveis pela internacionalização da arquitetura brasileira.

Premido pelas constrições derivadas do relevo que assumiu na vida econômica da família, o arquiteto que protagonizou o início do modernismo arquitetônico entre nós foi aos poucos arrefecendo o potencial de inventividade e a tensão entre a concepção arrojada e as condições efetivas de sua aplicabilidade que marcaram o início de sua trajetória no país. Tal nexos explicativo é apenas sugerido no livro de José Lira. E não poderia ser diferente, visto que o autor se

aproxima de Warchavchik não com a lâmina afiada do sociólogo treinado na correlação entre biografia, experiência social e produção artística, mas com a lente aguçada do historiador competente e erudito no desvelamento da trama arquitetônica em sua interface com a história da cultura e da cidade. Nas palavras de Adrián Gorelik, o prefaciador do livro, José Lira mostra que para “o historiador da cultura arquitetônica não se trata de canonizar figuras ou definir os rumos corretos do que foi a arquitetura moderna, mas de compreender”. O resultado é uma visão renovada da história da arquitetura brasileira, de Warchavchik e da metrópole paulista que o acolheu.



**Warchavchik: fraturas da vanguarda**

José Lira  
Cosac Naify  
552 páginas, R\$ 89,00

**Heloisa Pontes** é professora do Departamento de Antropologia da Unicamp e pesquisadora do Núcleo Pagu, também da mesma universidade